

A Influência das Migrações na Nova Estrutura Social do Sul da Bahia

Avanço de investigação em curso

GT 09: Estrutura social, dinâmica demográfica e migrações

Maria Luiza Silva Santos*

Resumo

O artigo em pauta registra a mudança identitária que tem se processado no Sul da Bahia/Brasil a partir do início do século XXI com o declínio da economia cacauceira. As novas opções que passam a fazer parte das novas propostas regionais e o destaque para o ensino superior que tem crescido de forma significativa e exercido atratividade para migrantes, docentes e discentes do ensino superior, através da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Palavras chave: migrações, identidade, ensino superior

Resumen:

El artículo en cuestión se registra el cambio de identidad que se ha hecho en el sur de Bahia / Brasil desde el comienzo del siglo XXI con el declive de la economía del cacao. Las nuevas opciones que se convierten en parte de las nuevas propuestas y el énfasis regional en materia de educación superior ha crecido de manera significativa y se ejerce atractivo para los migrantes, los profesores y estudiantes de la educación superior, la Universidad del Estado de Santa Cruz.

Palabras clave: migración, identidad, educación superior

A Influência das Migrações na Nova Estrutura Social do Sul da Bahia

A região sul da Bahia, por ocasião da formação da sua sociedade calcada na economia do cacau recebeu levas de imigrantes que adentraram as matas, fizeram roças, se tornaram comerciantes e se fixaram, junto aos nativos da região. Esse pequeno registro faz parte da história e memória do sul da Bahia, até as últimas décadas do século XX. A partir dessa época a região passa a viver em “estado de crise” devido aos problemas na lavoura do cacau ocasionado pelo fungo (*Moniliophthora perniciosa*) comumente conhecido como vassoura de bruxa.

Com a crise, um novo tipo de fluxo passa a se estabelecer, a emigração dos trabalhadores rurais para as cidades próximas em busca de melhores condições de vida. Fato que impacta a realidade das cidades, ao mesmo tempo em que, desfalca a realidade rural. De acordo com essas premissas, entende-se que mesmo no contexto das

* Doutora em Sociologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e professora na Universidade Estadual de Santa Cruz.

imigrações por ocasião da formação regional, como dos impactos da crise que levou a uma emigração por uma categoria diversa, a realidade estava sempre embasada na realidade da cultura agrícola do cacau.

A necessidade de diversificar se impôs e novas frentes de trabalho começaram a ser abertas a partir do início do século XXI. Algumas com a proposta de soerguer a lavoura apostou em pesquisas e novos clones para a cacauicultura, outros segmentos apostaram em novas culturas agrícolas. Saindo da realidade agrônômica, o turismo passa a ser também um vetor para o crescimento principalmente no que tange as cidades litorâneas. Também algumas indústrias passam a se instalar na região, atraídas por alguns benefícios como isenções de impostos como ideia de atrativo para alavancar a região.

Sem dúvida, grupos isolados migraram em função das economias descritas, porém, o registro expressivo e objeto desse estudo e dos grupos de migrantes para as cidades de Ilhéus e Itabuna, do qual trata esse artigo, se refere aos migrantes acadêmicos que vieram para trabalhar na universidade estadual e em faculdades particulares no Sul da Bahia.

3.1 A universidade como vetor de crescimento regional

A implantação do ensino superior em determinado espaço ganha referência de desenvolvimento sinalizando novas perspectivas nos contextos econômico, político, e cultural do seu entorno, assumindo importância singular na dinâmica dos processos internos e externos de crescimento, articulados com as demais instituições nos espaços regionais. As posições ocupadas por tais instituições compreendem a formação acadêmica sistematizada, as ações de inovação tecnológica, de produção e difusão da ciência e cultura, além de qualificar os diferentes níveis de ensino do próprio sistema educacional, alavancar as iniciativas de pesquisa, fomentar os resultados nos espaços onde se insere a instituição e lidar com os efeitos que o próprio desenvolvimento imprime sobre a vida social, o meio ambiente e as pessoas.

Para referendar a aplicabilidade dos estudos de instituições tradicionais, mais precisamente de uma universidade, relacionando-a ao espaço onde está inserida, e ao mesmo tempo trabalhar com os efeitos que o desenvolvimento imprime, faz-se necessária a articulação entre universidade e contexto regional, pois tal articulação constitui-se em importante indicador da interrelação existente entre os fatores que particularizam as instituições universitárias, quando analisadas nos seus contextos locais. O sentimento recíproco de pertencimento que se estabelece nessa articulação confere, à universidade e ao seu entorno, um estreitamento de relações benéfico a ambas as partes, um movimento de alimentação e retroalimentação constante, sem, em absoluto, perder seu caráter de universalidade.

Entretanto, não há como negar que as articulações que perpassam as relações da instituição e do seu entorno estão alicerçadas em um conjunto de interesses em que estão em jogo relações de poder e hegemonia, sob o ponto de vista político e econômico. Esses interesses estão relacionados com a respeitabilidade que uma instituição de ensino superior imprime, por ser um lugar de produção de verdades científicas. Sobre a importância concedida à cientificidade, Bourdieu registra:

Se a cientificidade socialmente reconhecida é uma aposta tão importante é porque, embora não haja uma força intrínseca da verdade, há uma força da crença da verdade, da crença que produz aparência da verdade: na luta das representações, a representação socialmente reconhecida como científica, isto é, como verdadeira, contém uma força social própria e, quando se trata do mundo social, a ciência dá ao que a detém, ou que aparenta detê-la, o monopólio do ponto de vista legítimo (Bourdieu, 2011: 53).

Sob o pano de fundo das relações sócias, entram em diálogo as produções da academia e sua aplicabilidade na comunidade que, *a priori*, podem ser analisadas numa perspectiva bastante localizada, mas que se ampliam devido ao caráter universal que detém uma instituição universitária. Requisitos, pois, são necessários para a instalação de uma instituição universitária:

Dada a sua natureza, são levados em consideração aspectos infra - estruturais materiais e sociais, composição dos orçamentos públicos, estrutura de gastos públicos, impactos sobre comportamentos individuais e coletivos, sobre a economia, cultura, política e história locais. Isto porque esses espaços detêm a representatividade política e econômica e concentram os setores mais dinâmicos de influência no seu entorno, podendo gerar um fluxo multidimensional do “vivido” territorial pelos membros daquela localidade (Midlej, 2003: 9).

Nesse sentido, a região de influência contribui para a sustentação das ações da universidade, à qual cabe a função precípua de articulação entre o saber científico e a realidade social, pois, apesar de ser atribuída à ciência “uma eficiência social que vai crescendo à medida que os valores científicos são mais reconhecidos, ele só pode receber sua força social do exterior” (Bourdieu, 2011: 97).

Duas vertentes podem ser elencadas quando se pensa a dinâmica que uma instituição de ensino imprime à sua região. A primeira remete diretamente ao foco do desenvolvimento em que ela se traduz. Com a descentralização administrativa, os municípios passam a ter a corresponsabilidade quanto às políticas desenvolvimentistas municipais, e a preocupação com o setor secundário como impulsionador do desenvolvimento econômico começa a ser ampliado pelo fato de se perceber que o crescimento de instituições de ensino superior também é fator impulsionador de desenvolvimento. A segunda dinâmica está atrelada ao deslocamento de pessoas para esses espaços. A realidade quanto à atratividade de imigrantes para uma região diferente no que se refere a espaços diversos na nação brasileira. Em se tratando de migrantes de mão de obra qualificada que têm como fator de atração o ensino superior, alguns exemplos podem ser citados, pois tiveram como elementos significativos no seu desenvolvimento a implantação e o dinamismo do ensino superior. Ainda na década de 1970, o estado de São Paulo viveu o movimento de interiorização do ensino superior, movimento que, a partir da década de 1990, ganha contorno nacional tanto no âmbito público como no particular. Fora dos grandes centros foram sendo descobertas excelentes opções, fator que se traduziu nas diversas instituições de ensino superior e no oferecimento de cursos adequados às realidades locais. “Quando uma cidade apresenta uma economia interessante e próspera, as universidades se interessam pelo local e passam a investir na região”, diz Danilo Iglioni, professor de economia da USP¹. O reitor da Universidade Federal de Roraima, Roberto Ramos, corrobora o que afirma o professor da USP, quando afirma que

Os campi em locais afastados ou até mesmo em regiões menos populosas são extremamente importantes para o desenvolvimento econômico local, e principalmente, para a sociedade ao redor da instituição. Os conhecimentos científicos e tecnológicos dão à comunidade a possibilidade de ampliar a visão de mundo em que vivem. Os benefícios vão além do saber, uma vez que a instituição pode articular a alocação de recursos para obras e pesquisas que vão transformar a vida da região.²

As análises sobre os benefícios da interiorização perpassam vários fatores, que vão da necessidade de ampliar o acesso ao ensino superior, à preocupação com o inchaço das grandes metrópoles, bem como com o custo de vida nas cidades interioranas que é bem

¹ Revista ensinossuperior.uol.com.br de 09/11/2007.Ed. nº10

² Revista ensinossuperior.uol.com.br de 09/11/2007.Ed. nº10

mais acessível que o das grandes cidades. O reitor da Universidade Federal do Semi-árido (UFERSA) lembra que “Outro ponto que contribui para o desenvolvimento regional é que a universidade é um exemplo de instituição que aproveita as características geográficas locais”³. As estatísticas apontam que, no ano 2000, havia no interior do país 745 instituições de ensino superior, entre públicas e privadas. Em 2005, esse número chega a 1.396 instituições fora dos grandes centros, segundo o Censo de Educação Superior realizado no mesmo ano.

Na construção da identidade regional do sul da Bahia, o emblema que norteou durante muitos anos a atração e identificação dessas cidades foi a monocultura cacaueteira. Esse contexto não subjaz em passado remoto, mas faz parte do presente, porém, diluído em tantos outros fatores de atratividade que passam a compor a região nas décadas finais do século XX e início do século XXI. Dentro da perspectiva de outros cultivos agrícolas, indústria do turismo e avivamento e expansão de um comércio local, a presença de uma universidade pública se constitui em um diferencial que exerce atração significativa para o fenômeno de uma migração contemporânea. A Universidade Estadual de Santa Cruz, reconhecida como universidade a partir da década de 1990, consolida-se e expande suas áreas ancorando a criação de quatro faculdades particulares. Duas na cidade de Itabuna: FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciência e UNIME – União Metropolitana de Educação e Cultura; e duas na cidade de Ilhéus: Madre Taís e Faculdade de Ilhéus; além da implantação de um Instituto de Ensino Superior, o Instituto Federal da Bahia – IFBA – em Ilhéus, na mesma rodovia que a UESC - e do projeto para instalação da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFESBA) para o ano de 2014. abaixo, depoimento que corrobora a ideia de que a implantação da nova universidade, constitui assim um espaço atrativo de migrantes de mão de obra qualificada, mais precisamente, migrantes acadêmicos.

3.2 Entre as cidades de Ilhéus e Itabuna: A Universidade Estadual de Santa Cruz

A Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC está localizada na cidade de Ilhéus, no sul da Bahia. Situa-se entre os polos urbanos de Ilhéus e Itabuna, a quase 500 quilômetros da capital, Salvador, tendo como área de abrangência, além da região centrada nesses polos, a região do Extremo-Sul da Bahia. É uma das principais instituições de ensino superior nesse vasto espaço do território baiano. Na página de abertura do *site* institucional, ao descrever sua localização e a aposta no ensino superior para a região, registra-se também a importância da cacauicultura para a Região Sul da Bahia. No PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional, um resumo histórico da conformação da Universidade Estadual de Santa Cruz também registra a influência da CEPLAC (Comissão Executiva do plano da Lavoura Cacaueteira) na criação da universidade:

[...] teve sua origem nas escolas isoladas criadas no eixo Ilhéus/Itabuna, na década de 60. Em 1972, resultante da iniciativa das lideranças regionais e da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueteira (CEPLAC), as escolas isoladas (Faculdade de Direito de Ilhéus, Faculdade de Filosofia de Itabuna, e Faculdade de Ciências Econômicas de Itabuna) congregaram-se, formando a Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna - FESPI.

³ Revista ensinossuperior.uol.com.br de 09/11/2007.Ed. nº10

Em se tratando do trabalho em pauta, essa citação é colocada para caracterizar o surgimento da instituição, porém os dados relevantes estão centrados na implantação dos novos cursos e dos concursos públicos que atraíram várias famílias para essa região. Com base nos relatórios anuais da instituição, mais especificamente os do início da década de noventa, o organograma apresenta as três faculdades que compunham Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna: Faculdade de Direito de Ilhéus, Faculdade de Filosofia de Itabuna e Faculdade de Ciências Econômicas de Itabuna. O tom da apresentação é característico do momento da definição da crise regional: Estruturas estagnadas, como é exemplo a região cacauzeira, que vive ainda hoje de uma monocultura centenária, incapaz, nessa condição, de competir com outras regiões produtoras, diversificadas e organizadas no sentido da produtividade e da qualidade (Relatório UESC, 1991: 8).

O texto vai além, pois evidencia a universidade como produto da crise, como uma necessidade de criar um centro de inteligência e produção de conhecimento capaz de gerar desenvolvimento. Em números, essa realidade se traduz em: nove cursos de graduação, 481 discentes, total de vagas preenchidas apenas em um dos cursos, o curso de Direito, e um total de 210 professores, sendo na sua maioria da categoria de graduados.

As ações na busca de titulações ainda eram tímidas e a pós-graduação começava a ser implantada com os cursos *lato sensu* e projetos de médio e longo prazo para titulações mais altas. O texto demonstra uma clara preocupação com a pesquisa quando registra que: “há nas universidades, uma correlação positiva entre o grau de desenvolvimento da pesquisa e o nível da qualidade do próprio ensino” (Relatório UESC, 1992: 20). Nos relatórios dos anos subsequentes, o tom continua o mesmo, e os registros são das implantações de novos cursos, aumento gradativo do alunado, incentivos à capacitação de professores, porém, numa dinâmica considerada, nos dias atuais, bastante lenta.

Em nova gestão administrativa, a partir do ano de 1996, a tônica do discurso se apresenta de uma maneira mais contundente, numa retórica de “inauguração de uma nova etapa da vida e história da universidade” (Relatório UESC, 1996: 7). A etapa anterior é descrita como de transição em função da estadualização que transforma uma federação de escolas em universidade. Nas ações registradas a partir de 1996 como realizações efetivadas, já contempla: “a expressiva ampliação do quadro de professores através de concursos públicos” (Relatório UESC, 1996: 28):

O ano de 1996 foi de grandes realizações para a UESC, investida em novo status, enquanto universidade. Atendendo a essa condição, a primeira ação da PROGRAD, a qual dedicou quase todo primeiro semestre, em conjunto com os departamentos, esteve voltada para a formação do quadro permanente de docentes, sendo aprovado um total de 160 candidatos. Para tanto, num espaço de cinco meses realizou três concursos públicos (Relatório UESC, 1996: 55).

Neste ano, portanto, o quadro de docentes já contava com 328 professores. As ações voltadas para projetos de pesquisa e extensão são registradas como em crescimento, ao mesmo tempo em que se fala de captação de recursos, o que é pontuado como “uma ampliação da capacidade técnica e elevação de grau de autoestima e confiança do professor e da universidade” (Relatório UESC, 1996: 32).

A formação do professor passa, ainda, na sua maioria, pela categoria de graduados e pelos responsáveis por projetos de pesquisa e extensão. Essa informação sugere que, durante algum tempo, poucos eram os professores pesquisadores. Professores adjuntos somavam oito, e em nível de assistente, 46. No quesito onde se registra os objetivos da pesquisa e pós-graduação, está escrito: “ampliar o quadro de doutores e mestres da UESC, visando à formação de massa crítica” (Relatório UESC, 1996: 68). Cursos de

especialização são reeditados e em se tratando da modalidade *stricto sensu* se inicia o Mestrado em Ecologia e Gestão Ambiental e o Mestrado em Educação em convênio com a Universidade Federal da Bahia.

Nos relatórios de 1997 e 1998, a apresentação caracteriza a afirmação da nova gestão, a ampliação dos cursos *stricto sensu* e a reedição dos cursos *lato sensu*. O tom de afirmação evidenciado passa por fragmentos que dizem:

A universidade deve ser entendida como uma comunidade plenamente engajada na criação e na disseminação do conhecimento, no avanço da ciência e na participação do desenvolvimento social; um local onde governo e outras instituições possam obter informações científicas, seguras, que deem suporte à realização dos seus objetivos. No contexto regional, nacional e mundial em que o homem precisa fazer-se, a cada dia, mais competente, criativo e obstinado, a universidade vem se credenciando como uma instituição capaz de oferecer um instrumental necessário a esse fim (Relatório UESC, 1997: 41).

Apesar do enfoque de um discurso mais globalizado, o apelo regional ainda é fortemente demonstrado quando, no quesito que fala da criação da sua *Home Page*, a observação que se coloca é: “da região cacauceira para o mundo”. Expandem-se os cursos de graduação, neste ano em número de 15, o quadro de professores passa a contar com 379, sendo ainda o maior percentual de professores na classe auxiliar. Em 1998, a pós-graduação conta com 33 cursos de especialização e três mestrados interinstitucionais. Em termos percentuais, o número de professores especialistas ultrapassa os professores em nível de graduação, porém o número mais expressivo ainda se concentra na categoria de professor auxiliar.

O ano de 1999 é um ano significativo em relação à aquisição de novos professores para a Universidade. Por constar, nos editais, a exigência da titulação de mestres e doutores, tal requisito se torna elemento impeditivo para pessoas residentes na região que ainda não tinham galgado tais qualificações, ao mesmo tempo em que se torna vetor de atração para jovens profissionais de outras regiões que buscam espaço profissional, mas que, por uma série de circunstâncias, a exemplo da enorme concorrência nas grandes cidades, apostam em novas perspectivas e novas regiões.

Os cursos de graduação já se apresentavam em número de 13: Pedagogia, Filosofia, Letras, Ciências (que englobava física, química e matemática), Direito, Agronomia, Enfermagem, Administração, Economia, História, Geografia, Veterinária e Biologia. Tal abrangência e variedade demonstram que a instituição passa a ser atrativa para profissionais de diversas áreas. Ao mesmo tempo em que a chegada de novos profissionais se tornava uma realidade concreta, a política de capacitação dos professores, já existente, também se efetivava. “Foi consolidada a ajuda de custo, para apoio a docentes e técnicos, assegurando qualidade científica. Também foram ampliados os convênios, que possibilitaram aos docentes fazer a pós - graduação na própria Uesc” (Relatório UESC, 1999: 34). Nesse período, o número de professores com a titulação de mestre começa a ser superior ao de professores com a titulação de auxiliar. Essa situação tende a impulsionar também a realidade da pós-graduação, que, no ano de 1999, amplia para 36 os cursos de especialização e passa de quatro para nove os cursos de mestrado em convênio, bem como o doutorado em convênio com a Universidade Federal da Bahia.

No início da segunda década desse estudo, o número de departamentos permanece em 10, porém os cursos de graduação já somam 17. São 528 docentes, sendo 167 na categoria de assistente e 144 na categoria de auxiliar, números que refletem a capacitação dos professores já existentes e a entrada de professores com titulação, ambos capacitados e atuantes na expansão da pós-graduação.

Os anos de 2001 e 2002, consecutivamente, apresentam o mesmo discurso nos relatórios: “A absorção de professores visitantes faz parte da estratégia utilizada pela universidade para alavancar a pesquisa em algumas áreas e agregar profissionais titulados com experiência e inserção no ensino de graduação” (Relatórios UESC 2001 e 2002: 11).

Em números, tem-se em 2001: 59 doutores, 171 mestres, 108 especialistas e 49 graduados. Em 2002: 83 doutores, 230 mestres, 82 especialistas e 44 graduados. Essas rápidas pinceladas em números registram a inversão do quadro em relação à titulação dos docentes, o que propiciou paralelamente a expansão da instituição em diversas áreas.

A partir do ano de 2004, a política de capacitação e de atração de novos profissionais se intensifica. Uma demonstração dessa afirmativa é a realização de concursos públicos em todos os anos. O quadro a seguir, constante do Relatório da Pró-Reitoria de Graduação em 2010, mostra as vagas declaradas e preenchidas nos concursos públicos.

Tabela 1 – Número de Vagas Declaradas e Preenchidas em Concursos Públicos para Professor – UESC, 2004 a 2010

Ano do Edital	Vagas declaradas				
	Auxiliar	Assistente	Adjunto	Titular	Total
2003	-	77	41	4	122
2004	21	32	20	-	73
2005	-	29	33	-	62
2006	-	24	12	3	39
2007	-	16	8	-	24
2008	5	16	25	-	46
2009	04	14	22	-	40
2010	04	31	57	-	92

Ano do Edital	Vagas preenchidas				
	Auxiliar	Assistente	Adjunto	Titular	Total
2003	-	54	18	3	75
2004	19	23	12	-	54
2005	-	21	19	-	40
2006	-	19	10	1	30
2007	-	14	7	-	21
2008	04	11	13	-	28
2009	-	04	03	-	07
2010	03	09	10	-	23

Fonte: PROGRAD/UESC, 2010.

O tom das apresentações dos primeiros relatórios que falavam de “região monocultora”, “atraso”, “necessidade de se formar uma inteligência regional” é modificado. Quando se fala na área geográfica e de atuação, o relatório de 2010 registra:

A UESC abrange, predominantemente, a região Litoral Sul da Bahia, o que inclui a faixa litorânea, segmentada, para efeito turístico na Costa do Cacau (Foto 34), Costa do Dendê e Costa do Descobrimento, localizadas nas micro regiões de Ilhéus/Itabuna, de Valença e Porto Seguro, onde vive uma população de quase dois milhões de habitantes (Relatório UESC, 2010: 7).

Quanto ao aumento de cursos oferecidos no período de 2004 a 2009, o crescimento é perceptível tanto na graduação como na pós-graduação. No ano de 2004, foram implantados os cursos de licenciatura do Programa de Formação de Professores nas áreas de Ciências Biológicas, História, Letras, Matemática, Geografia e Pedagogia. A partir do ano de 2007, os cursos de licenciatura a distância têm início com o curso de Ciências Biológicas, e a partir de 2009 também passam a constar os cursos de Pedagogia, Letras e Física.

A pós-graduação *lato sensu* amplia as suas ofertas e são reeditados alguns cursos, principalmente aqueles que dão ênfase ao contexto regional, tanto na sua perspectiva econômica e histórica como ecológica. São cursos que atendem não só à comunidade acadêmica, mas a toda a comunidade regional e são ministrados por professores efetivos e alguns visitantes. No quesito pós-graduação *stricto sensu*, entre os anos de 2004 a 2009, foram implantados os cursos de Cultura e Turismo, Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Genética e Biologia Molecular, Zoologia, Produção Vegetal, Sistemas Aquáticos Tropicais, Ciência Animal, Linguagem e Representações, Biologia e Biotecnologia de Microorganismos, Ecologia e Conservação da Biodiversidade e doutorado em Genética e Biologia Molecular e em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Foi construído um pavilhão só para pós-graduação e alguns laboratórios para dar suporte aos cursos de graduação e pós-graduação reforçando a prática da pesquisa pelos discentes.

Esse elenco de cursos evidencia a pluralidade das áreas que se desenvolveram a partir de 2004, criando demandas para docentes de diversos campos do conhecimento. Docentes que, através de editais, de informações de outros docentes e de busca em *sites*, se inscreveram e prestaram concurso e seleção para a Universidade Estadual de Santa Cruz, escolhendo a cidade de Ilhéus ou a de Itabuna para fixar residência.

3.3 As cidades do entorno: Ilhéus e Itabuna - Localização e panorama demográfico

A cidade de São Jorge dos Ilhéus fica situada no Sul da Bahia a 400 km da capital, Salvador. Com área total de 1.760 km², sua área urbana está dividida em quatro partes, Zona Norte, Zona Oeste, Centro e Zona Sul, que é a parte da cidade separada das demais pelo Rio Cachoeira, ligada pela ponte Lomanto Júnior. Faz limites ao Sul com o oceano Atlântico, ao Norte com Aurelino Leal, Itacaré, Uruçuca, a Oeste com Buerarema, Coaraci, Itabuna, Itajuípe e Itapitanga. Itabuna tem uma área de 432 km², e faz limite com os municípios de Ilhéus, Itapé, Itajuípe, Buerarema, Barro Preto e Jussari. Ambas as cidades fazem parte da microrregião de Ilhéus-Itabuna pertencente à mesorregião Sul Baiana.

As cidades de Ilhéus e Itabuna, de acordo com o censo de 2010, são cidades de 184 e 204 mil habitantes, aproximadamente, ligadas uma a outra pela BR 415 com um trecho de 28 km. A primeira, uma cidade mais antiga, de forte apelo histórico, tem origem nas capitânicas hereditárias. Situada no litoral, é rica em atrativos naturais que têm sido bastante destacados pelo turismo. Itabuna é considerada um centro regional de comércio, indústria e de serviços. Foi emancipada em 1910, sendo anteriormente parte de Ilhéus. Ambas têm seu desenvolvimento atrelado à monocultura cacaueteira desde o final do século XIX até o início do século XX.

Ambas as cidades, segundo a caracterização das cidades brasileiras, fundamentadas no IPEA, estão classificadas como cidades médias, pois possuem entre 100 e 250 mil habitantes. Além do aspecto populacional determinado pelo IBGE, Santos cita outros aspectos que caracterizam cidades médias que estão de acordo com as cidades de Ilhéus e Itabuna:

[...] exercer função como centro regional numa determinada rede urbana, de acordo com o potencial demográfico, a situação, o raio de ação e o nível de especialização dos serviços e atividades produtivas. Além disso, ter a capacidade de articular-se aos centros de decisões sem, necessariamente, depender das cidades dentro da sua unidade administrativa cuja ordem hierárquica é superior (Santos, 2009: 8).

O relatório do projeto Crescimento Econômico e Desenvolvimento Urbano⁴, que analisa a dinâmica demográfica das cidades médias brasileiras nas últimas décadas verifica de que forma esses centros urbanos têm contribuído para o processo de expansão da população do país. Fatores como mudanças nas localizações das indústrias, transformação no movimento migratório nacional, fenômeno da periferização das metrópoles⁵, política de atração de investimentos para regiões economicamente defasadas e a expansão nas fronteiras agrícolas e de recursos minerais são elementos que caracterizam tal expansão.

Ressaltando o fenômeno migratório, o estudo indica que, na década de 90, as cidades médias metropolitanas cumpriram o papel de porta de entrada de grandes fluxos migratórios, principalmente no que concerne ao fluxo rural-urbano. Alternativamente, os migrantes que a princípio buscaram as grandes cidades, incapazes de arcar com o custo de vida, optam, em pouco tempo por municípios periféricos. Esse fenômeno é apresentado por Martine (1994) como contrametropolização que está relacionado a uma escolha de local de moradia que leve em conta a qualidade de vida, mesmo que isso se reverta em uma redução dos rendimentos monetários das famílias.

As cidades de Ilhéus e Itabuna são citadas no relatório de forma agrupada, por se constituírem como uma microrregião. Os números somados de ambas apresentam como população urbana em 1970, 160.989 habitantes. Em 1980, 218.465 habitantes e em 1991, 321.793 habitantes, representando uma taxa anual de crescimento de 3,35%.

No que se refere às regiões de destino da Bahia, o estudo indica que em todas ocorreu aumento do número de imigrantes. O Litoral Sul, região onde estão situadas as cidades desse estudo, além de outras seis regiões, registrou aumento na participação percentual. Ficou em segundo lugar, seguido da Região Sudeste do estado, com ganho absoluto de 8.412 imigrantes. Em 1991, a Bahia apresentou 14 municípios com populações de imigrantes registrando percentuais acima de 1%. Oito desses municípios estavam distribuídos em três regiões econômicas: Região Metropolitana – Salvador e Camaçari; Litoral Sul – Itabuna e Ilhéus, e Extremo Sul - Teixeira de Freitas, Eunápolis, Nova Viçosa e Porto Seguro.

Quanto às questões relativas aos motivos porque essas pessoas migram, as evidências dos estudos publicados nos relatórios sempre indicaram a estreita relação com as questões econômicas, “um mecanismo de alívio a pressões ou contradições geradas pela aceleração do crescimento demográfico de modo desproporcional com os meios de vida” (Souza e Muricy, 2001:9). Além das oportunidades de trabalho, outras motivações vêm tomando corpo, a exemplo de uma vida mais tranquila, longe do *stress* e da violência dos grandes centros, sendo que a variável trabalho é sempre levada em consideração demonstrando a sua centralidade.

O perfil, portanto, se concentra nas idades entre 15-64 anos, com a participação de crianças em muitos casos que acompanham seus pais nos deslocamentos residenciais. Para o estado a Bahia, nas últimas décadas, os segmentos mais representativos foram os de 20-34 anos que, em termos percentuais, representaram 37,5% do total de imigrantes

⁴ Relatório preliminar de pesquisa desenvolvido na Diretoria de Pesquisa do IPEA pelo Núcleo de Estudos e Modelos Espaciais Sistêmicos- Nemesiis, com o apoio do MCT/FINEP-CNPq/Pronex.

⁵ Municípios periféricos apresentando taxas de crescimento superiores em relação aos centrais (Martine, 1995).

no período de 1995 – 2000. Os jovens de 15-19 anos também tiveram participação significativa, representando 10,9% do conjunto de imigrantes vindos para o estado nesse período. O estudo traz também uma participação expressiva de crianças nas faixas de 05-14, anos o que significa a presença de imigração de famílias, ou seja, crianças e adolescentes acompanhando seus pais. No que concerne à composição por gênero, a imigração para o estado teve predominância masculina.

O estudo conclui que a Bahia, em relação ao nordeste e ao Brasil, até o ano 2000, mesmo recebendo imigrantes, continua ocupando o papel de perdedor nas trocas migratórias, embora o saldo negativo tenha sido reduzido no seu valor absoluto. Foi o sexto em imigração (era o nono entre 1986 a 1991). O crescimento é colocado na ordem de 34%.

Queiroz e Santos (2007), em artigo intitulado “Principais alterações nos saldos migratórios brasileiros”, analisam a realidade dos fluxos nos estados no período de 1986 a 2006 com base nas informações provenientes dos censos demográficos de 1991 e de 2000 e da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) entre os anos de 2001-2006. Sobre o Nordeste e o estado da Bahia, corroboram com as informações anteriores, pois indicam que “a região Nordeste conserva a situação inicial de se manter, em menor ritmo, como centro de expulsão, refletindo pela diminuição nos saldos migratórios negativos (PENAD, 2006:8)⁶. O estudo, que compara os valores do quinquênio 1986-1991, em que a redução de expulsão apresentou níveis em torno de 93%, registra o saldo migratório, em 2006, ainda negativo, de 53.423 indivíduos, o que se traduz numa tendência de reversão para um saldo positivo. “No ano de 2006, destacaram-se os saldos positivos apresentados pelo estado da Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte” (PENAD, 2006:17)⁷.

Algumas das explicações para o índice de atração para a Bahia, segundo José Ribeiro Guimarães – pesquisador do IPEA é de que “a Bahia passou a absorver investimentos produtivos relativamente de porte, e alguns centros dinâmicos da sua economia passaram a exercer atratividade” (IPEA, 2008: 23)⁸. Esses dados evidenciam os fluxos e as novas apostas feitas para o estado da Bahia e mais especificamente, para a região econômica denominada Litoral Sul. Dados novos surgem a partir do ano de 2010 com a divulgação da sinopse do Censo em relação à Região Litoral Sul da Bahia. O que já se tem registrado sobre o espaço da pesquisa em pauta é que, embora a Bahia figure entre os estados mais populosos, juntamente com São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná, algumas cidades do estado apresentam índices decrescentes de população, a exemplo de Ilhéus.

De acordo com o Comunicado n. 68 do IPEA,

Os estados do Nordeste, e principalmente aqueles localizados no Sul e Sudeste, apresentam características já conhecidas como regiões mais dinâmicas facilmente observadas em partes das duas últimas, e predominância de áreas de maior crescimento no litoral, no caso do Nordeste, com uma clara exceção no litoral sul da Bahia, onde se encontra, por exemplo, Ilhéus, que perdeu quase 40 mil habitantes nos últimos 10 anos (IPEA, 2010:12)⁹.

De maneira geral o Censo 2010 detectou uma redução na migração interna da população brasileira. Entre 1995 e 2000, havia 30,6 migrantes para cada mil habitantes, enquanto entre 2005 e 2010, eram 26,3 migrantes para cada mil habitantes. No Nordeste, os estados do Piauí, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba experimentaram um

⁶ WWW.Ibge.gov.br/home/estatística/população/penad2006

⁷ WWW.Ibge.gov.br/home/estatística/população/penad2006

⁸ WWW.cespe.unb.br/Ipea2008

⁹ WWW.cespe.unb.br/Ipea2010

arrefecimento em sua capacidade de absorver população. Áreas antes consideradas de rotatividade migratória, como Piauí e Alagoas, se tornaram áreas de baixa e média evasão migratória, respectivamente; e os estados do Rio Grande do Norte e Paraíba reduziram sua capacidade de absorver população. Bahia e Maranhão continuaram como regiões expulsoras de população, embora com índice classificado como de baixa evasão migratória. Sergipe, Pernambuco e Ceará foram classificados como áreas de rotatividade migratória

As informações acima citadas explicitam que, em números, a realidade da migração de mão de obra qualificada, com ênfase na realidade acadêmica na Região Sul da Bahia não assumiu proporções que gerassem o aumento populacional na Região de Ilhéus e Itabuna, uma vez que o êxodo da mão de obra do trabalhador rural foi muito significativo também numericamente, porém, um dado importante para essa pesquisa foi identificado pelo IBGE através do censo de 2010:

Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 moravam em Ilhéus 8.368 migrantes, sendo 7.081 de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Eram 3.800 homens e 3.281 mulheres que nasceram no Sudeste do Brasil morando em Ilhéus. Os habitantes nascidos nas regiões Norte, Sul e Centro Oeste eram 1.287. Os nortistas eram 354 e sulistas 467. Os nascidos no Centro Oeste eram 466. Além dos migrantes internos, em 2010, 612 estrangeiros moravam em Ilhéus. Eram 379 pessoas do sexo masculino e 233 mulheres São pessoas que vieram trabalhar ou estudar e passaram a residir no município.¹⁰

Os números acima indicados estão de acordo com os relatórios anuais da Universidade Estadual de Santa Cruz, pois crescem ano após ano, tanto a categoria dos docentes como a dos discentes, dado que individualmente é significativo, mas que evidencia maior relevância quando se atribui ao profissional da academia uma realidade familiar, uma vez que a maioria deles se desloca acompanhado de cônjuge e filhos, ampliando, então, o contingente desse universo migracional, que já altera, em alguns segmentos, a realidade local. A discussão sobre identidade e mão de obra qualificada já se torna uma constante, daí poder - se buscar elementos da identidade e do estilo de vida desses novos ocupantes da região que são diversos dos que se referem às características dos produtores, fazendeiros, comerciantes em geral e comerciantes do cacau.

Bibliografia

- BERGER, Peter L. e Thomas Luckmann. **A Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 2002
- BOUDON R, Bourricaud F. **Dictionnaire critique de la sociologie**. Paris: PUF;1982
- _____. **Homo Academicus**. Polity press editora,1991.
- _____. **'Le champ scientifique'**. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 1976.
- _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BUFFA.Ester.http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/eccos/eccos_v7n2/eccosv7n2_2f13.pdf 2005
- Comunicado do Ipea nº 68 - Dezembro de 2010, Acesso em março de 2011.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**.5 ed.Campinas: Autores associados, 2002.
- DOUGLAS, Mary e Isherwood,B. **O mundo dos bens- para uma Antropologia do Consumo**. Rio de Janeiro:UFRJ, 2005.

¹⁰ www.ibge.gov.br/cidadessat - acesso 31/10/2012

- Dubar, Claude. <http://www.religiologiques.uqam.ca/no24/24recensions/Carrier2.htm>. 2000
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- ERVATTI, Leila e OLIVEIRA, Antônio. **Perspectivas para a mensuração do fenômeno migratório no Brasil**. Trabalho apresentado na ABEP, em Caxambu, 2010.
- FREITAS, Antônio Guerreiro de; PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a Princesa do Sul (Ilhéus, 1534-1940)**. Ilhéus: Editus, 2001.
- GOLGHER, A.B., ROSA, C.H., ARAUJO JR., A.F., **The Determinants of Migration in Brazil**, Texto para Discussão n. 268. UFMG/Cedeplar, 2005.
- GRAFMEYER, Y. **Diferenciações, divisões, distâncias**. In Sociologia Urbana. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados sobre o município de Ilhéus. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: jan.2011.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados sobre o município de Itabuna. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: jan.2011.
- KHELLIL, Mohand. **Sociologie de l'Intégration**, Paris, PUF, 1997.
- LEE, Everett S. **A theory of migration**. In: Demography, Vol. 3, No. 1. 1966.
- _____. **“Uma teoria sobre migração.”** In: MOURA, H. Migração interna: textos selecionados. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil S.A. 1980[1966].
- MAHONY, Mary Ann. **Um passado para justificar o presente: memória coletiva, representação histórica e dominação política na região cacauzeira da Bahia**. In: Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria, v. 10, n. 18, jul./dez., 2007.
- MIDDLEJ, Moema e FIALHO, Nadia. **Universidade e região**. Artigo apresentado no II seminário em infraestrutura, organização territorial e desenvolvimento local. Salvador(BA): PROCRA – CAPES/IPPUR- UFRJ/UCSal/UNEB.
- Relatório anual de atividades 1990/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 1991.
- Relatório anual de atividades 1991/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 1992.
- Relatório anual de atividades 1992/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 1993.
- Relatório anual de atividades 1993/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 1994.
- Relatório anual de atividades 1994/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 1995.
- Relatório anual de atividades 1995/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 1996.
- Relatório anual de atividades 1996/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 1997.
- Relatório anual de atividades 1997/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 1998.
- Relatório anual de atividades 1998/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 1999.
- Relatório anual de atividades 1999/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2000.

- Relatório anual de atividades 2000/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2001.
- Relatório anual de atividades 2001/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2002.
- Relatório anual de atividades 2002/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2003.
- Relatório anual de atividades 2003/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2004.
- Relatório anual de atividades 2004/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2005.
- Relatório anual de atividades 2005/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2006.
- Relatório anual de atividades 2006/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2007.
- Relatório anual de atividades 2007/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2008.
- Relatório anual de atividades 2008/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2009.
- Relatório anual de atividades 2009/Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus: Editus, 2010.
- Revista do Ensino Superior, n.º 110. Rhttp://revistaensinosuperior.uol.com.br/textos.asp.
- RIBEIRO, André Luiz Rosa. **Família, poder e mito**: o município de São Jorge de Ilhéus (1880-1912). Ilhéus: Editus, 2001.
- SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- SANTOS, Maria Luiza Silva. **As influências das interações étnicas na formação da cidade de Ilhéus/Bahia**. In: INTERAÇÕES -Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 8, N. 13, p. 71-75, Set. 2006.
- SOARES, Beatriz. R.; RAMIRES, Julio C. **A inserção das cidades médias no contexto da globalização: reflexões a partir do Triângulo Mineiro**. In: SOUZA, Guaraci Adeodato e MURICY, Ivana Tavares. **Mudanças nos padrões de fecundidade e de mortalidade na Bahia**. Salvador: SEI, 2001/2002.